

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

CLAUDIONOR TAMÚXI IRANXE

**CULTURA INDÍGENA: BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO
MANOKI**

**Barra do Bugres
2016**

CLAUDIONOR TAMÚXI IRANXE

**CULTURA INDÍGENA: BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO
MANOKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Regiane Cristina Custódio

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

I65c IRANXE, Claudionor Tamûxi.

Cultura Indígena: batizado tradicional do menino Manoki / Claudionor Tamûxi Iranxe. – Barra do Bugres, 2016.

36 f. ; 30 cm. (ilustracoes) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Regiane Cristina Custodio.

1. Povo *Manoki*. 2. Batizado Tradicional. 3. Cultura Irantxe. I. Custodio, R. C., Dra. II. Título. III. Título: batizado tradicional do menino Manoki.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

CLAUDIONOR TAMÛXI IRANXE

CULTURA INDÍGENA: BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO MANOKI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 12 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Regiane Cristina Custódio
Professora Orientadora

Prof. Me. Isafas Munis Batista
Professor Avaliador

Prof.^a Ma. Isamar Valdevino Froio Torres
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

EPÍGRAFE

Construir novos caminhos
Sem nunca andar sozinho
Em busca de novos sonhos
Da paz, alegria, respeito e ser risonho.

Sou um ser criativo
Sou um ser de recriar o já criado
Sou na verdade, um cidadão
Que falo da minha vida, minha história, minha
angústia e renovação.

Dos atos inconscientes no universo
Dos choros ardentes de uma flor
Das brutas solenes e gritantes de
um progresso
No amanhecer ao choro das
águas, do ódio, tristeza e rancor.
A alegria de um povo Se reflete numa
única vida

Na “vida das práticas culturais”
que não é muito compreendida, Fazer ou
refazer não tem sentido se a cultura de um
povo, não se faz de novo.

Afinal, sou um ser que falo, choro ouvindo o
invisível Na perspectiva de um novo dia, de
novos sonhos Novas descobertas do ainda
acobertado.

Enfim, ensinar e aprender amar com toda força
intrínseca o seu próprio amor.

Claudionor Tamūxi I. Manoki

DEDICATÓRIA

A força de vontade de um ser humano, mesmo que seja pequena, está baseada no planejamento e construtivismo familiar e, com certeza, se eu não demonstrasse a minha força de vontade, dificilmente teria parcelas de contribuições da minha família para fazer e concluir o meu curso de graduação em Pedagogia Intercultural.

As desavenças e obstáculos encontrados e enfrentados durante as progressões da produção deste trabalho, me proporcionaram uma nova visão da vivência em coletividade, fruto de um bom planejamento familiar.

Por este e outros motivos dedico, de coração, este, que para mim é um grande trabalho, à minha família e ao meu povo *Manoki*.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha avó, D. Aureliana, que o nosso *Inuly* (Deus) já levou, ao avô Luis Tamūxi, que tiveram a sabedoria e paciência de me adotar como filho, já que não pude conhecer o meu verdadeiro pai, pois quando bem pequenino Deus o levou.

A minha mãe, Terezinha Kuteru Irantxe, e ao meu padrasto, que considero como pai, Tomas Jaluka Irantxe, que mesmo com muitas dificuldades sempre me apoiaram a não desistir dos meus estudos.

A minha tia, Maria Angelina Kamūtsi, e o tio Lourenço Inacio Janāxi, que após a morte da minha vizinha me convidaram para morar junto com eles. Nesse período, deram todo apoio e me ajudaram muito quando iniciei na época a minha 5ª série, numa escola não indígena.

Agradeço, também, a Marina Leucinda Kamulu, que na minha ausência assumiu a responsabilidade da casa cuidando dos nossos filhos. Além de sempre me ajudar e compreender os trabalhos que desenvolvo na comunidade.

Aos meus filhos, Claudeisa Atusi Iranxe e Claudenir Uhkjamū Iranxe, que sempre foram e serão a minha fonte de referência e inspiração para vencer todos os tipos de obstáculos.

Ao senhor Celso Kanūxi e Manoel Kanūxi, por conceder a entrevista.

A minha comunidade da aldeia Cravari e os locais mais próximos, pela confiança em acreditar no meu potencial de desenvolvimento de trabalhos sociais e educativos como um ser humano e professor.

A todos os professores que lecionaram as disciplinas estudadas na Universidade. Aos meus amigos pelas alegrias, tristezas, preocupações e dores compartilhadas.

Agradeço a banca examinadora, professores Me. Isaias Munis Batista e Me. Isamar Fróio, pelas brilhantes contribuições.

Agradeço, também, a professora Dra. Maria Helena Rodrigues Paes, por conduzir os trabalhos frente à coordenação do curso e pelos aprendizados proporcionados na disciplina que ela ministrou, e, também a minha orientadora, professora Dra. Regiane Custódio, por contribuir com a redação do trabalho e por conferir a ele uma característica mais científica e, ao mesmo tempo, mais didática, facilitando assim, o conhecimento do leitor.

Enfim, agradeço a todos os anciões do povo *Manoki* e aos jovens por entender que é de suma importância manter fortalecida a prática cultural “batizado tradicional do menino Manoki”

RESUMO

Este trabalho, chamado de “Batizado tradicional do menino manoki”, retrata o processo ou rito de passagem de criança para a fase adolescente, e conseqüentemente para a fase adulta. O objetivo da pesquisa é descrever o batizado tradicional do menino manoki como uma ferramenta insubstituível e de suma importância para uma boa educação formal e informal dos meninos. Neste rito de processo cultural os meninos manoki passam a ter contato com os espíritos sagrados que não devem ser revelados. Numa perspectiva metodológica, a pesquisa se deu juntamente com os anciões e jovens que já passaram, tiveram e tem conhecimentos sobre este ritual. A pesquisa de campo foi realizada na própria comunidade onde os anciões que contribuíram para que eu pudesse desenvolver o trabalho foram: Celso Kanuxi Manoki, Manoel Kanuxi Manoki, Luiz Tamuxi Manoki, Bartolomeu Manoki e Angélica Kamutsi. Entre os jovens que também tiveram a disponibilidade de falar e responder algumas questões referentes a este processo cultural foram: Mailson Janaxi, Jackson Kanuxi e Genilmar Kapyxi. Também foram realizadas pesquisas bibliográficas com leituras em trabalhos de pesquisa de alguns antropólogos que já haviam relatado alguns aspectos culturais do povo, incluindo o batizado tradicional do menino manoki, André Lopes (2013), Rinaldo Arruda (2000) e o Instituto Sócio Ambiental (ISA). Com a produção e um registro científico deste material posso dizer que mesmo com a transformação cultural e social do povo *Manoki* esta prática cultural milenar destacada neste trabalho jamais deverá ser esquecida, abandonada ou considerada como um “ser morto” na vida do povo. Isso devido o fato deste ritual fortalecer a vida do povo. Permitir também que as mulheres sejam incluídas não de uma forma direta, mas em partes onde cabem a elas contribuir com esta prática cultural para que aconteça anualmente. A contribuição das mulheres é sempre no sentido de acompanhar e fazer os preparativos dos artesanatos, pinturas corporais, preparo das alimentações e a continuidade no incentivo aos seus filhos de não se esquecerem dos ensinamentos adquiridos durante o batizado tradicional. A minha perspectiva é de que após a finalização desta monografia ela possa proporcionar uma leitura reflexiva e assim, contribuir com o povo *Manoki* e incentivar os jovens da comunidade para a continuidade e preservação desta prática cultural.

Palavras-chave: Povo *Manoki*. Batizado tradicional. Cultura *Irantxe*.

LISTA DE SIGLAS

AIWA	Associação Indígena <i>Watoholi Manoki</i>
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
OPAN	Operação Amazônia Nativa
RCNEI	Referencial Curricular para as Escolas Indígenas
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI	Sistema de Informações de Atenção a Saúde Indígena

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa da aldeia Cravari.....	22
Figura 2 –	Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari	23
Figura 3 –	Casa tradicional aldeia manoki	24
Figura 4 –	Córrego São Domingos	25
Figura 5 –	Momento da saída dos meninos para o ritual do batizado.....	29
Figura 6 –	Meninos prestes a conhecer o ritual secreto: últimas orientações dos anciões...	30
Figura 7 –	Momento em que os meninos estão prestes a conhecer o ritual secreto	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
1. HISTÓRIA DE UM POVO: ALDEIA CRAVARI, POVO MANOKI.....	16
1.1 Mito de Origem do Povo <i>Manoki</i>	20
1.2 Característica da Aldeia Cravari	21
2. UMA HISTÓRIA SOBRE O BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO MANOKI.....	27
3. PRÁTICAS CULTURAIS: CANTOS E DANÇAS TRADICIONAIS MANOKI.	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
CONSULTORES NATIVOS.....	35
JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Pedagogia Intercultural e tem como título: “Cultura Indígena: Batizado Tradicional do Menino manoki”. Trata-se de uma pesquisa sobre o povo *Irantxe* que se autodenomina *Manoki*.

O objetivo geral da pesquisa é descrever o batizado tradicional do menino manoki como uma ferramenta insubstituível e de suma importância para uma boa educação formal e informal dos meninos. Formal por se tratar de uma forma de educação dentro da cultura que pode ser considerada científica, e nesse caso é formação importante. E informal porque eles vão ter um aprendizado não apenas com os homens, mas, depois, eles se tornarão responsáveis da família e todo o grupo contribuirá na sua formação, não ficando apenas aquelas instruções que foram oferecidas durante o batizado, que é quando ele recebe orientações dos homens, dos pais num local (*inỹ/oca*) que é uma casa tradicional onde, separadamente, os meninos continuam a receber mais algumas orientações referentes ao batizado tradicional. Isso para que quando esses meninos novamente frequentarem a sala de aula (escola) tenham em suas concepções uma outra forma de lidar com o ambiente escolar, mas sem abandonar os seus direitos de continuar adquirindo os conhecimentos ocidentais. O menino que já tiver passado pelo batizado tradicional deverá se tornar um exemplo para os demais. Diante de seu comportamento, outros meninos e meninas, e, principalmente os meninos que ainda não passaram por este ritual possam respeitar aqueles que já passaram e que estão seguindo as regras tradicionais. E às meninas cabe o conhecimento de compreender a nova fase da vida dos meninos já batizado até completar um mês da realização do batizado tradicional. Depois desse período eles já podem ter um contato mais aproximado, mas no período de um mês após o batizado, é necessário haver um relativo distanciamento do menino batizado em respeito à orientação própria do ritual.

Após o batizado, as mães também serão de grande importância para que os ensinamentos que foram passados no período do batizado se concretizem na educação desses meninos. E, além disso, o batizado é o processo mais importante para manter viva a cultura e a educação tradicional do povo.

Os objetivos específicos se apresentam nas seguintes perspectivas: 1) identificar a fase da educação tradicional do menino manoki; 2) verificar os problemas que estão afetando a realização deste trabalho cultural, os aspectos externos, por exemplo, jogo de futebol, dança não indígena, tecnologia e as redes sociais, quando não utilizados de forma adequada; 3) conhecer o porquê os jovens não estão mais se interessando pelo batizado tradicional; 4) analisar a contribuição do batizado tradicional na formação dos meninos para serem verdadeiros

guerreiros;

A pesquisa se justifica, pois, possibilita compreender que o batizado do menino manoki pode ser considerado como parte da educação tradicional e que antes do contato com não indígenas a escola se apresentava de maneira bem diferente da escola atual. Antes, a escola trazia os ensinamentos e aprendizagens de forma diferente, embora o objetivo fosse o mesmo: ensinar. E a pesquisa pode contribuir também para chamar a atenção dos meninos para o significado da cultura manoki para os jovens. Além disso, eles saberão que após essa fase do batizado deverão se comportar dentro de suas comunidades de modo a fortalecer um respeito forte nas suas famílias e contribuir com os trabalhos da casa. O batizado tem o objetivo de transformação na vida desses meninos porque após o seu ocorrido, o comportamento deles tem de ser diferente, principalmente ser exemplo para outros meninos e meninas.

Após o batizado os meninos recebem muitas responsabilidades que eles devem cumprir e ensinamentos que eles devem observar, deixam de ser crianças e passam a fazer trabalhos juntamente com seus pais.

Diante disso, esta monografia quer mostrar a importância de se observar os ensinamentos que os meninos recebem durante o batizado e assim, ela pode contribuir com o aprendizado dos meninos sobre a sua cultura e ao mesmo tempo mostrar a eles que o seu papel dentro da comunidade se transformará após o batizado, até mesmo seu comportamento na sala de aula não indígena, terá de ser diferente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta monografia, elaborei o planejamento da pesquisa que a antecedeu, em duas partes: entrevistas com os anciões e entrevistas com os jovens. No entanto, apenas a entrevista com os anciões foi realizada. Nas primeiras horas encontrei um pouco de dificuldade de como eu, sendo jovem, iria conseguir convidar os anciões da comunidade para participar de uma pesquisa acadêmica.

Tem havido uma resistência na aldeia porque os anciões não querem mais atender os jovens no que se referem as pesquisas culturais. Segundo estes anciões os jovens atualmente só pensam em festas e nas culturas não indígenas, por isso ficam bravos com o tipo de comportamento dos jovens na atualidade. Mas, enfim, depois de muitas tentativas através de diálogos consegui fazer as pesquisas conversando com os anciões e eles me permitiram registrar

em cadernos o que conversávamos. Até mesmo já mencionando aqui nesta parte do trabalho por se tratar de uma pesquisa que exige muita atenção e cuidados por se referir a um ritual sagrado, em que uma parte pode ser registrada e outra não.

Como a proposta da pesquisa era entrevistar anciões da aldeia com conhecimento sobre a cultura tradicional, saí em busca de possíveis participantes. Consegui realizar entrevista com três anciões. E para minha surpresa, a aceitação deles não foi tão difícil, talvez pelo fato de ser professor na comunidade e para o povo *Manoki* os professores são muito respeitados. Entre os *Manoki*, o professor é considerado uma autoridade.

Busquei junto aos anciões entender os problemas encontrados e que estão afetando essa prática cultural do batizado tradicional do menino manoki, levando em conta que os jovens manoki tem o direito de usufruir dos bens materiais e tecnológicos já existentes na comunidade, porém, não podem deixar de lado, nem tampouco esquecer sua própria cultura tradicional, que significa dizer que os jovens podem usar o que for oferecido pela cultura ocidental, mas não deve esquecer suas próprias raízes.

A partir de uma identificação histórica principalmente dos meninos buscar os seus desinteresses de não quererem passar por este processo tradicional. Na perspectiva de não deixar que esta prática tradicional se extermine e através de diálogos com a comunidade incentivar o povo em geral a realizar o batizado tradicional.

O batizado é um rito que deve acontecer todos os anos, ao menos uma vez ao ano. Em 2015, por exemplo, o batizado não ocorreu, e isso é uma preocupação para os mais velhos porque pode significar um apagamento desse ritual se ele passar a não acontecer mais, e pode ser bem prejudicial à educação tradicional do menino anmoki.

Até a defesa desta monografia em 2016 o batizado tradicional não havia acontecido. Isso pode ter se dado em virtude de que os meninos com idade acima de doze anos, eram apenas dois e a organização cultural do povo manoki considera que para realizarem este ritual é preciso cinco meninos com idade acima de doze anos para serem autorizados por seus pais a fazer parte do ritual, que é um trabalho cultural. Tudo indica que para os próximos anos já haverá um número maior de meninos preparados e conscientes do significado desta prática cultural.

Na segunda fase da pesquisa, elaborei outro planejamento para dialogar com os jovens primeiramente através de seminários em que a discussão foi sobre o ritual do batizado tradicional do menino manoki. Neste seminário cada jovem pode expor as suas próprias ideias e opiniões sobre a manutenção desse rito e sobre a importância de que cada jovem da comunidade possa passar por ele. O registro do acontecimento dos seminários foi feito através de imagens/fotografias, relatórios e entrevistas. No entanto a perspectiva é fazer com que os

jovens sejam conscientes de suas próprias práticas culturais, buscar através de todos esses requisitos citados que o fortalecimento deste ritual adotado seja de fato realizado. Acreditamos que através de diálogos principalmente com os jovens sobre o batizado tradicional e toda sua estrutura sejam novamente praticadas no povo *Manoki*.

Com a produção desta monografia, espera-se que seja mais um instrumento de subsídio para o fortalecimento dessa magnífica cultura manoki. Enfim, contribuirá com um amplo conhecimento cultural do próprio povo e a divulgação de sua cultura para fora da aldeia e, assim, buscar o fortalecimento da autoafirmação do povo em decorrência do contato com a sociedade ocidental.

Em consequência da transformação cultural de um povo, contato com os não índios e o avanço tecnológico, esta cultura da realização do batizado tradicional do menino manoki está deixando de acontecer, e se continuar dessa maneira, logo deixará de existir. E esta é uma situação que preocupa todas as lideranças do povo com esse processo acelerado de transformação da sociedade ocidental, a cultura do povo *Manoki* pode estar ameaçada.

Com novos temas envolventes dentro da comunidade, novos fatores e programas referentes às questões de saúde, educação, políticas sociais e ambientais ocupam os espaços que o povo teria para realizar todos os trabalhos culturais tradicionais. De uma forma direta ou indiretamente esses fatores advindos dos não índios acabam sendo as coisas mais prioritárias e ficam de lado as práticas culturais do povo.

Acredita-se que com a extinção dessa fase de batizado tradicional do menino, os mesmos possam se engajar num caminho das maldições, serem rebeldes e desrespeitar o povo, a comunidade em geral e os seus pais em si. E no meio dessa transição global uma das iniciativas para enfrentar este novo modelo de mundo moderno é tentar manter vivas as práticas culturais tradicionais do povo *Manoki*. Este povo, como tantos outros parentes, também tem buscado novos conhecimentos ocidentais para realizar seus planejamentos com segurança e lutar em defesa de manter vivo aquilo que é mais sagrado a um povo, que é a sua cultura tradicional.

Diante de uma nova adaptação que também é imprescindível e de direitos de todo ser humano, o povo *Manoki* mesmo encontrando muitos obstáculos sempre buscam executar os trabalhos culturais. Não que seja difícil realizar estas tarefas, mas devido ao tempo e às preocupações com outros trabalhos ocidentais e sociais, mediante a globalização universal, buscam uma formatação para a resolução de determinados problemas com muita dedicação, responsabilidade e compromisso, o que é essencial para o fortalecimento de uma estrutura organização social de um povo. E estão buscando também compreender e entender esta nova progressão do mundo indígena e não indígena para que não sofram catástrofes culturais.

Em decorrência da transição social, o povo *Manoki* também acredita na diferença entre sua educação tradicional e a educação não indígena. Enquanto nesta parece predominar um conhecimento que leva os indivíduos ao individualismo; a educação tradicional, na perspectiva do povo *Manoki*, fortalece o modo de viver em coletividade, valoriza a origem e os saberes culturais, confere valor aos conhecimentos sagrados, fortalece espiritualmente. Além disso, une o nosso povo para manter as suas formas de organizações culturais ainda mais fortes. E a prática cultural do povo *Manoki* preservada, nos fortifica para lutar culturalmente, politicamente e socialmente diante da sociedade contemporânea.

Na perspectiva do batizado tradicional, acreditamos que este ritual é a vida do povo, é um ato sagrado que para nós, povo *Manoki*, beneficia uma saúde saudável, prevalece a felicidade, a vontade de viver e o respeito entre as pessoas permanece, conseqüentemente.

A monografia está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo tem o título de: “História de um Povo: Aldeia Cravari, Povo *Manoki*” e traz informações sobre os modos de ser e de viver do povo *Manoki*.

O segundo capítulo tem o título: “Práticas culturais: cantos e danças tradicionais manoki” que retrata a comemoração da saída dos meninos da casa sagrada onde ficarão uma semana do chamado processo do batizado tradicional do menino manoki

O terceiro capítulo tem o título de: “Uma História sobre o batizado tradicional do menino manoki” que é relatada por um ancião da comunidade sobre o fato acontecido com uma criança que desobedeceu às regras do batizado tradicional. Por isso a importância dos meninos conhecerem e após este batizado não desobedecer às normas de suas famílias, comunidades segundo a vivência diária na aldeia. Pois se caso desrespeitarem a tal regra pode ser que aconteça igual o fato mitológico citado.

Nas linhas que se seguem, tem início, efetivamente, o primeiro capítulo da monografia que traz a história do povo *Manoki*.

1. HISTÓRIA DE UM POVO: ALDEIA CRAVARI, POVO MANOKI

O nosso povo *Iranxe*, autodenominado de *Manoki*, vive na região noroeste do Estado de Mato Grosso, município de Brasnorte. Os *Manoki* falam a língua irantxe, que é uma língua que não tem proximidade com outras famílias linguísticas conhecidas, ou seja, não pertence a nenhum tronco linguístico, sendo assim, é considerada como uma língua isolada. (Instituto Socio Ambiental/ ISA “Irantxe Manoki, povos indígenas do Brasil”)

Segundo a entrevista que realizei com o senhor Celso Kanūxi, o povo *Manoki* se divide em vários clãs, um deles, considerado mais importante para o povo é *Kuxiwiru*, por ser um grupo mais organizado socialmente. Segundo este ancião a palavra *kuxiwiru* se originou de uma pequena briga entre os *Manoki* e outra etnia conhecida como Beijo de pau ou *Tapayuna* em decorrência de disputa territorial. Como ambas etnias não se davam bem, certo dia um grupo de famílias manoki resolveram atacar os beijos de pau, para isso ficaram de tocaias na beira do rio a espera do povo beijo de pau. Logo então no momento em que esta etnia passava pelo rio, os *Manoki* atiraram a flecha contra eles que pularam na água fugindo da guerra. Neste momento, começara a gritar: são os *kuxiwiru*, são os *kuxiwiru*! A partir de então esta família manoki ficou conhecida como família *kuxiwiru*.

Na pesquisa antropológica do senhor André Lopes “Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki” (2013, p. 16) observou relações de alteridade interna nos *Manoki*, dessa vez em função das coletividades vizinhas.

Para falar de seu passado recente, os velhos manoki empregam uma divisão interna a seu povo que se baseia em “turmas”. A classificação se dá principalmente em razão das relações de parentesco que essas coletividades estabelecem com grupos vizinhos, seja por trocas matrimoniais ou raptos de crianças de grupos vizinhos. Segundo ele:

Nas últimas décadas, as principais “turmas” manoki são os “Kuxiviru” (tidos como “manoki legítimo”) e os “Kurali” (considerados como “manoki misturado com os Paresi”). Essa denominação “Kuxiviru”, por exemplo, foi um nome empregado pelos Tapaiúna (também conhecidos como “Beijo de pau”) para se referirem a um agrupamento manoki, conhecido como a “turma de Acácio”, em combates na década de 1950. Os velhos que pertenciam à turma desse chefe se apropriaram dessa designação e a utilizam em certas ocasiões para se compararem a outros segmentos manoki para reafirmarem seu caráter “puro” e “não misturado”. Hoje esse tipo de divisão em “turmas” tem sido utilizadas levando mais em consideração um critério geográfico: a “turma do Paredão” e a “turma do Cravari” são as formas pelas quais a diferenciação interna dos Manoki tem sido atualizada pelas novas gerações. Essas “turmas” se referem às duas maiores aldeias da terra indígena, em volta das quais existem respectivamente duas e três aldeias satélites, somando um total de sete aldeias na terra indígena atual (LOPES, 2013, p. 16).

O autor diz também que existem outros casamentos com pessoas de diferentes povos que também estão presentes nas aldeias (sobretudo com *Rikbaktsa* e *Kaiaby*), mas não chegam a constituir um subgrupo ou coletividade. As pessoas oriundas desse coletivo ou descendência podem receber dos velhos a denominação referente a seu coletivo de origem na língua manoki. Para ilustrar o caso, uma anciã da aldeia Cravari, conhecida como velha Angélica é considerada como “Paemía” devido ao seu avô ser oriundo de aldeias tapaiúna.

Ao analisar a versão citada pelo antropólogo André Lopes (2013) principalmente em se tratando do título que o autor utiliza: “Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki”, venho através das minhas concepções oriundas do povo *Manoki* contrapor esta versão. Uma vez que os *Myky* é um povo e *Manoki* é um outro povo. Apesar de algumas semelhanças culturais isso não é justificativa bem fundamentada para afirmar que existe igualdade, ou seja, que somos todos iguais.

O que acontece é que existe uma forma de organização entre os *Manoki* que é de acolher aqueles parentes de outras etnias que passam a viver entre eles. Por exemplo, em se tratando de casamento interétnico em que um homem da etnia *Manoki* se casa com uma mulher da etnia *Paresí* e esta passa a viver na aldeia *Manoki*, ela será considerada *Manoki*. Se for o inverso. Uma mulher manoki casando-se com um homem paresí, e este indo viver junto aos *Manoki*, ele será, também, considerado *Manoki*, mesmo que pertença a outra etnia. Eles têm os mesmos direitos e deveres iguais a um *Manoki* de origem. Eu, por exemplo, sou mestiço do povo *Manoki* e *Nambiquara*, mas nasci, cresci e vivo no povo *Manoki* e me considero verdadeiramente um *Manoki*, é claro, não negando a minha origem, mas sim me autoafirmo como sendo *Manoki*.

A história dos *Manoki* não é muito diferente da maioria dos indígenas no Brasil, pois foram praticamente dizimados em decorrência de massacres e doenças advindas do contato com os não indígenas ainda no final do século XIX. Segundo os anciões do grupo *Irantxe*, no final do século XX, a maior parte dos sobreviventes não viu outra alternativa senão a de viver no internato Utiariti, local onde funcionava uma missão jesuíta que tinha por objetivo catequizar e “civilizar” os índios de Mato Grosso. Ali as crianças e jovens trabalhavam na roça, capinavam o pátio, cuidavam dos animais, cozinhavam, lavavam e cuidavam de suas roupas, entre outros afazeres. Utiariti possuía uma estrutura que chegou a ser considerada uma cidade em miniatura, conforme afirma Silva (1998):

[...] Em Utiariti o gado para sustento do internato chegou a mil e quinhentas cabeças. As roças a oeste se alastravam pelo vale Sete Córregos. A horta e o pomar aumentaram consideravelmente, pois um rego de três quilômetros franqueava a rega. Para aumentar a renda de Utiariti, se abriram seringais nativos, herança dos seringais

antigos, agora aproveitados pelos índios. [...] A usina hidrelétrica de 1947 de potência nominal de 20 Kwa, foi substituída por uma de 100 Kwa, em 1963. Na esteira de força elétrica, as máquinas primitivas foram substituídas por mais possantes. Utiariti pôde ostentar atafona, engenho de cana, serraria, carpintaria com perfuradeira, fresa, oficina mecânica com solda, torno. Uma cidade em miniatura (SILVA, 1998, p. 91).

Tal iniciativa, entretanto, teve sua influência na desestruturação sociocultural do grupo. É preciso registrar que o Internato Utiariti teve suas atividades encerradas por volta dos anos de 1969 quando os jesuítas abandonaram a missão.

Tradicionalmente os *Manoki* sempre viveram na grande região de mata nas proximidades do Rio do Sangue. Não era uma terra demarcada, mas viviam muito bem com os vizinhos de outras etnias, como *Rikbaksa*, *Tapayuna*, por exemplo. Com a chegada dos não índios, os *Manoki* acabaram sofrendo pressão dos extrativistas de madeira e foram perdendo, aos poucos, seu grande território.

Em 1968, os *Manoki* receberam do Governo Federal documento de demarcação de sua área, contudo se tratava de uma terra fora da área tradicional de ocupação histórica, cujas características ambientais inviabilizaram o uso tradicional dos recursos. Alguns desses recursos naturais são: a palha do broto de buriti (toke`y) para confecção de saias, sementes para produção de colares, tucum (*ulawa*) para fazer barbantes, piúva(*alawa*) para a produção de arcos e flechas. (Instituto Socio Ambiental/ISA – povos indígenas do Brasil Irantxe Manoki).

Segundo levantamento realizado pela diretoria da Associação Indígena Wathoholi/AIWA, em 2015, sobre os dados populacionais do povo *Manoki*, atualmente o povo *Manoki/Irantxe* possui aproximadamente uma população de 540 (quinhentas e quarenta) pessoas que se distribuem pelas 07 (sete) aldeias: (Cravari, Paredão, Treze de Maio, Dose de Outubro, Recanto do Alípio, Perdiz e Asa Branca).

Atualmente, o povo vive em uma região precária de caça, pesca, numa área difícil para produzir as roças tradicionais e água potável também é um problema a ser considerado devido a expansão das lavouras, das fazendas de gado, dos desmatamentos e das usinas hidrelétricas em torno das áreas geográficas do povo. Todos esses impactos ao meio ambiente, mais especificamente impactos no curso e volume das águas, tem impedido que os peixes subam o rio para se reproduzirem. Em se tratando de impactos na mata, as caças foram se acabando com o frequente uso dos agrotóxicos que são utilizados na soja, poluindo também as nascentes dos rios e prejudicando a produção de raízes e ervas para a prática da medicina tradicional, além de dificultar a busca de caças para realizar as festas tradicionais.

O povo ainda faz suas roças tradicionais coletivas e individuais, plantando mandiocas, cana, arroz, abacaxi, abóbora, milho, feijão favo, feijão costela, batata doce, cara branco, cara

roxo etc. Uma das fontes de geração de renda para o povo é a confecção de artesanato tradicional manoki como: anel de coco, colares, tiara, *xunã* (enfeites para cabeça), rede, arco e flecha, barbante de tucum, saias de palha de buriti entre outros artesanatos. Os mesmos artesanatos que também são comercializados dentro e fora da aldeia pelas famílias e até mesmo para outras etnias. Cada família é responsável pela produção e venda de seus artesanatos.

Diferentemente de alguns anos atrás, quando a forma de organização social era totalmente tradicional sem necessidade de uma demanda de trabalho ocidental, a forma de organização tem mudado. O fato do aumento populacional e o contato cada vez mais frequente com a sociedade ocidental, para se adaptar e constatar este momento, o povo fundou uma organização com base nas leis garantidos na Constituição Brasileira chamada de Associação Indígena *Watoholi*, que significa; todos, na língua portuguesa. Com a fundação desta associação o povo busca parcerias entre os entes federativos para atender as demandas do povo. Além de esta organização ser legal, através dela a comunidade consegue vender os seus produtos alimentícios e artesanais. Além da associação indígena *Watoholi*, o povo ainda mantém a sua hierarquia ancestral de ter um cacique (*Tjikãta*) geral do povo. Segundo o senhor, Celso Xinüxi, ancião da comunidade, antigamente havia um único cacique, denominado cacique geral do povo que era responsável pela organização dos trabalhos, uma vez que no período havia uma única aldeia maior. Conforme as mudanças e o crescimento populacional com o surgimento de novas famílias, também foram surgindo várias aldeias. Como a demanda da forma estrutural organizacional do povo cresceu, houve em concordância com toda a comunidade a necessidade de em cada aldeia fundada ter um representante chamado de liderança. Esses em conjunto com o cacique geral (*Tjikãta*) tomam decisões cabíveis as diversas questões na comunidade ou povo. Em situações que envolvem toda a comunidade e que é de interesse do grupo, há a necessidade da tomada de uma decisão em conjunto com toda a comunidade, pois a organização funciona de uma forma coletiva. Antes do contato com a sociedade ocidental, a aldeia era formada de uma maneira circular onde as construções das casas eram feitas todas de madeiras e palhas de inajá retiradas do mato. Atualmente esta forma de aldeia tem mudado e as casas estão sendo construídas com outros materiais como cimento e tijolos (concreto) e/ou madeira (tábuas) e cobertas com telhas de amianto.

A única casa que atualmente é construída tradicionalmente atendendo os requisitos ancestrais do povo é a casa sagrada. Pois acreditamos que, de acordo com os conhecimentos tradicionais dos anciões, se esta forma de construção de casa um dia mudar, os espíritos ficariam revoltados e então iriam embora para bem longe levando todos os materiais espirituais utilizados pelos homens, principalmente aqueles que são utilizados no batizado tradicional do

menino *manoki*.

Uma das principais festas tradicionais é o acontecimento do ritual quando os meninos são liberados, ou seja, quando termina o ritual do batizado tradicional. O povo *Manoki* possui algumas danças e inúmeros cantos (músicas) tradicionais, a mais destacada é a dança do *yakuli* em que os homens cantam ao som de um instrumento musical. O mesmo instrumento musical que é construído com uma taquara (*Katētyri*) encontrada na beira dos rios. Nesta dança os homens caminham cantando e dançando para frente e as mulheres acompanham logo atrás, também cantando e dançando, mas sem os instrumentos musicais por não utilizarem. Outros cantos tradicionais mais utilizados pelo *Manoki* são os cantos espirituais em que as mulheres e homens cantam e dançam separados devido ao fato de que existem alguns cantos espirituais que pertencem somente ao gênero feminino, e outros, que pertencem apenas ao gênero masculino.

1.1 Mito de Origem do Povo *Manoki*

Segundo dados da pesquisa de Maria Silveira; antropóloga, historiadora e educadora (SILVEIRA, 2011) sobre o mito de origem do povo *Manoki*, há alguns séculos atrás o mundo era constituído apenas por águas. Então preocupado com as pessoas, Deus (*ynuli*) decidiu criar uma casa chamada de Casa de Pedra onde todas as etnias já tinham um formato de ser humano e entendiam todos os outros seres por ter uma forma de comunicação diferente da atual. A mesma casa abrigava diversas etnias como: *Irantxe/Manoki*, *Paresi*, *Nambikwara*, *Kayabi*, *Tapayuna*, *Erikbaktsa*, *Kewas* (não índios) entre outros povos. Esta Casa de Pedra fica localizada na região Noroeste do Estado de Mato Grosso, município de Campo Novo do Paresi. Esta mesma casa também abrigava diversas espécies de animais que falavam a língua de todos os povos. Certo dia avistaram que ao lado da casa de pedra havia um pequeno buraco, decidiram então passar por este buraco e descobrir se fora dali existia outra forma de vida.

O urubuzinho (*kunūxi*) se ofereceu para sair fora da casa para avistar melhor a paisagem. Logo então descobriu que havia terra, matas, folhas, flores, ou seja, existia outros tipos de natureza diferente daquela que havia dentro da casa de pedra. O urubuzinho ficou muito contente com a sua descoberta e resolveu retornar para a sua casa de pedra e contar a notícia para todos os povos que ali estavam. Para comprovar a sua descoberta levou consigo algumas flores, areia, folhas, galhos de madeiras. Todos os povos ficaram curiosos com a notícia e pensaram num plano para saírem da casa de pedra. Como a casa de pedra era sólida e os povos não possuíam materiais para quebrar as paredes, dificultava ainda mais a saída dos animais e

dos povos.

Entretanto, ali existiam animais que tinham os dentes resistentes, esses então foram escolhidos para tentarem fazer as perfurações nas paredes da pedra. A cutia e a paca foram as primeiras a fazerem o trabalho, mas depois de várias tentativas, todas em vão, desistiram, apenas ficaram com seus dentes todos quebrados. Diz a mitologia que é por causa deste episódio que a paca e a cutia têm os dentes todos quebrados.

Então, chegou a vez do pica pau, que tentou, tentou e tentou perfurar a pedra, mas também não conseguiu. Chegou então o marimbondo para ajudar o pica pau buscando águas na sua patinha. Depois de um certo tempo de tentativas, enfim, conseguiram abrir um imenso buraco na pedra por onde todos os animais e os povos puderam sair da casa de pedra para descobrirem uma nova vida. Apenas um senhor já de idade avançada não conseguiu sair da casa de pedra porque as pessoas que estavam perto não deixaram que ele saísse por ser muito velho. Então este senhor disse a seguinte frase: “você não quer que eu saia da casa de pedra para vivermos juntos, mas podem ter certeza que você terá e passará por muitas dificuldades em suas vidas. Você encontrará muita violência, destruição, brigas, inveja, enfim, você não mais viverá em paz”.

De acordo com a lógica dos ancestrais do povo, atualmente, o mito faz sentido, ainda mais devido a vários fatores que contribuem para uma desestruturação das organizações sociais da etnia.

A seguir, algumas características da aldeia Cravari, em Brasnorte, Mato Grosso.

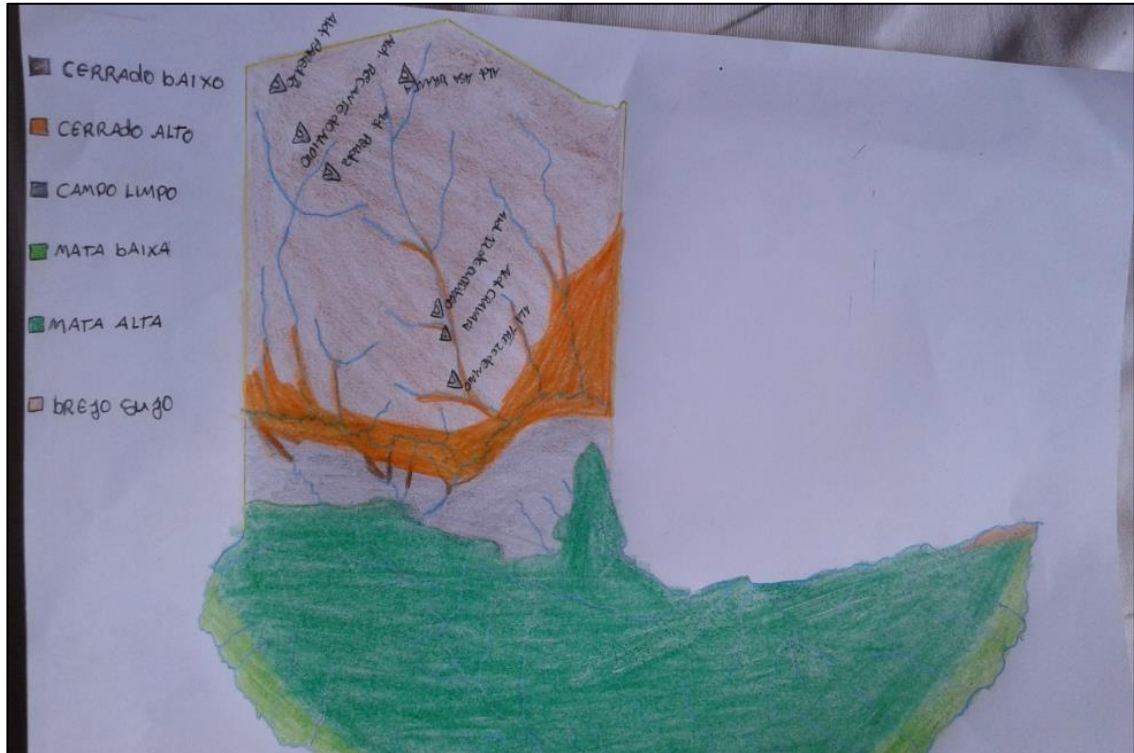
1.2 Característica da Aldeia Cravari

A aldeia Cravari é uma das sete aldeias do povo *Manoki*, sendo esta a maior entre todas as outras. Localizada a 20 km da Rodovia MT 170, entre Campo Novo do Pareí e Brasnorte, a aldeia está às margens de um córrego límpido e bom de se tomar banho, cujo nome é córrego São Domingos. A energia hidrelétrica chegou na comunidade no ano 2010, facilitando alguns trabalhos, como por exemplo, preenchimento de diários eletrônicos, transição de documentos da escola e equipes de saúde e gerenciamento de documentos da Associação *Watoholi*¹ ao facilitar também a forma de comunicação quando necessária.

¹ A Associação *Watoholi* é um órgão que pertence ao próprio povo *Manoki* e atua no sentido de gerenciar projetos que vem do Plano Básico Ambiental/PBA, Linhão e recursos que procedem da lavoura mecanizada. Todos os projetos são a ela direcionados e os diretores, todos indígenas, administram.

Abaixo, uma imagem de localização da aldeia Cravari.

Figura 1 - Mapa da aldeia Cravari



Desenho e ilustração: Marina Leocinda Kamulu, maio – 2016

Na aldeia Cravari habitam 38 (trinta e oito) famílias, num total de 245 (duzentos e quarenta) pessoas. Na aldeia funciona a Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari (EMIEBC), uma construção de quatro salas de aulas que atende do 1º ao 9º ano do ensino fundamental pela rede municipal, e possui um total de 76 (setenta e seis) alunos. A escola conta com 09 (nove) profissionais, sendo 06 (seis) professores, 01 (uma) merendeira, 01(uma) faxineira e 01(um) coordenador pedagógico. Dentre esses professores, atualmente quatro já tem o ensino superior e dois o ensino médio. A seguir, a escola é apresentada em imagens. Além disso, em outra aldeia, na aldeia Paredão, que está localizada a 20 km da aldeia Cravari, tem também uma escola estadual que oferece o ensino médio.

Figura 2 - Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari



Fonte: Claudionor Tamu Iranxe, junho de 2016

A escola desenvolve um trabalho chamado de sala do educador, do qual participam, além de professores e alunos, pais de alunos, membros do Conselho de Educação Escolar, membros da comunidade, faxineira, merendeira entre outros. São discutidas várias questões e é feita elaboração de planejamentos de trabalhos distintos. Quando envolve um trabalho comunitário toda a comunidade, juntamente com a escola, participa. Quando o trabalho se refere apenas à escola, participam somente os professores, merendeira, alunos, faxineira, diretores, coordenador pedagógico e outros profissionais da escola. O objetivo deste trabalho desenvolvido na escola é fortalecer um bom processo de ensino e aprendizagem de todos e principalmente dos alunos. Temos em nossa mente que com o funcionamento desta escola em nossa aldeia haverá uma grande contribuição com novas fontes de conhecimento para que possamos buscar ativamente os nossos direitos legais que são garantidos pela Constituição Federal.

A seguir, uma imagem de uma casa tradicional comum da aldeia que pertence a uma família manoki.

Figura 3 – Casa tradicional aldeia manoki

Fonte: Marina Leucinda Kamulu, 2013

Esta imagem foi escolhida para constar na monografia porque quando os homens decidem fazer um ritual com os espíritos sagrados chamados *yetá*, eles escolhem uma casa para então realizar o rito como o canto e a dança. Esta casa (que aparece na imagem acima) é o lugar onde as mulheres ficam e dormem durante a noite no período em que está acontecendo

o ritual sagrado do batizado tradicional do menino manoki. Elas conversam com os *yetá* que ficam do lado de fora desta casa juntamente com os homens que já são batizados tradicionalmente. Neste diálogo das mulheres com os *yetá* elas pedem mais saúde, alegria, sabedoria e proteção. Ao término do diálogo os *yetá* respondem para as mulheres através dos gritos, cantos e danças.

Os espíritos sagrados ficam no pátio ao lado da casa, as mulheres juntamente com as crianças permanecem dentro da casa, ali conversam com os espíritos a noite toda. Os homens, por sua vez, providenciam maneiras de amarrar suas redes, acendem fogos e dormem do lado de fora da casa. Nesse momento, tem início a preparação dos alimentos tradicionais para oferecimento aos espíritos. E esta manifestação cultural vai por toda a noite.

A imagem a seguir é do córrego São Domingos que passa no pátio da aldeia onde o mesmo rio nasce dentro da área indígena manoki.

Figura 4 – Córrego São Domingos

Fonte: Claudeisa Atusi, 2013

Há uma imensa preocupação com o futuro deste córrego, pois existem lavouras mecanizadas nas proximidades, o que pode comprometer a qualidade da água. Mesmo assim, ele é utilizado para tomar banho, lavar roupas e lavar vasilhas de cozinha. Além do mais, o próprio povo *Manoki* desde o ano de 2012 (dois mil e doze) em parceria com o fazendeiro vizinho vem realizando as práticas do plantio de lavoura mecanizada num total de 1000 há dentro da terra indígena manoki. Nesta lavoura são cultivadas atualmente, soja, milho e girassol. Isso também acaba gerando motivos de especulações num determinado grupo de pessoas ou famílias manoki sobre os impactos ambientais e sociais que isso causa ou causará a comunidade.

A lavoura mecanizada divide opiniões. Alguns a veem como algo bom e outros apontam que o impacto ambiental é algo que também acontece e que tem de ser considerado. Em todo caso é fato que com a lavoura mecanizada é algo significativo dentro da aldeia pois uma parte do recurso financeiro que vem dela serve de ajuda para a comunidade principalmente na compra de alguns medicamentos, pagamentos de consultas médicas, quando é necessário, e trabalhos da Associação *Watoholi*. Mas, em se tratando de aspectos ambientais, a lavoura mecanizada é preocupante porque possui uma característica diferenciada da lavoura tradicional. Na lavoura mecanizada o uso de defensivos agrícolas polui e degrada o meio ambiente, de modo geral a vida que há nos rios fica comprometida, o ar é poluído e o impacto ambiental é inevitável.

No capítulo seguinte uma história sobre o batizado tradicional do menino manoki. Trata-

se da história de um menino manoki que passou pelo batizado tradicional e não observou seus ensinamentos.

2. UMA HISTÓRIA SOBRE O BATIZADO TRADICIONAL DO MENINO MANOKI

Contam os anciões da aldeia que antes do contato do povo *Manoki* com a sociedade ocidental, o povo mantinha uma forma de organização social original de acordo com as suas especificidades e tradições culturais. Assim, entre tantas práticas tradicionais, o batizado tradicional do menino manoki era muito rígido e somente podiam passar por este processo os meninos que chegassem aos seus quinze anos de idade. Até mesmo porque este batizado tinha a duração de um ou mais meses de acordo com as regras tradicionais do povo.

Dizem os anciões da comunidade em especial o senhor Celso Kanūxi, pessoa com quem realizei diretamente esta pesquisa em 07 setembro de 2015, que antigamente o povo *Manoki* estava realizando este trabalho cultural na roça comunitária juntamente com os meninos que estavam sendo batizados naquele período. No exato momento em que trabalhavam na roça, o pai de um dos meninos que já havia sido batizado pediu que ele fosse até a sua casa buscar os alimentos tradicionais preparados pela sua mãe. O menino obedeceu as ordens de seu pai e seguiu em direção a sua casa. Como o menino demorou muito para retornar à roça, o pai e os demais homens ficaram desconfiados que o seu filho contou o segredo do batizado tradicional do menino manoki para as mulheres, por isso estava com medo de retornar.

Enfim, o menino, ao retornar para a roça com os alimentos, avistou uma imensa fogueira no centro da roça. Sem saber qual o motivo daquilo, seu pai o chamou para sentar ao redor daquela fogueira dizendo que ia catar o seu piolho. No momento em que este pai catava o piolho começou a chorar sem que o seu filho percebesse as lágrimas que corriam na cabeça do garoto. O menino então perguntou ao pai:

- Pai você está chorando?
- Não filho, é porque está muito quente, é apenas o meu suor.

Então neste exato momento o pai empurrou o seu filho no fogo e o enforcou com um pedaço de pau até que o menino ficasse bem assado e pronto para os homens se alimentarem.

Horas depois, e ao entardecer do dia, quando todos retornaram para suas casas, o pai daquele que foi jogado no fogo levou em seu *pyri (xire)*² um braço do menino para sua esposa dizendo que era braço de uma paca que os homens haviam matado na roça. Mas o homem esqueceu-se do colar que estava no braço do menino que não foi queimado.

² Uma espécie de cesto feito com buriti

Ao chegar na casa sem o menino, o homem foi questionado pela sua esposa sobre onde estava seu filho. Logo o marido respondeu que ele estava brincando com outros meninos. A mulher então, ao avistar o *xire* do marido conheceu o colar que o seu filho usava no braço. Ficou desesperada e perguntou ao seu esposo o que haviam feito com a criança. Sem saber dar as explicações, o marido acabou confessando a verdade dizendo que os homens tinham jogado o seu filho no fogo. A mulher ficou muito brava com o seu marido e os demais homens, reuniu todas as mulheres da aldeia, pegaram as flechas e saíram atacando os homens matando-os quase todos.

E é por esta razão que este batizado tradicional é sagrado e somente os homens, atualmente a partir dos doze anos de idade (porque no passado eles se batizavam a partir dos 15 anos), podem passar por este processo.

No capítulo seguinte o foco de atenção são as práticas culturais tradicionais do povo *Manoki* no que se refere ao batizado sagrado do menino.

3. PRÁTICAS CULTURAIS: CANTOS E DANÇAS TRADICIONAIS MANOKI

Figura 5 - Momento da saída dos meninos para o ritual do batizado



Fonte: Joao Paulo Kajoli, 2012

Mesmo com o impacto social e ambiental aqui já citado, o povo *Manoki* ainda domina muito de sua cultura tradicional, como cantos, danças, rituais sagrados, enfim, toda a teia cultural do povo. Atualmente os jovens se reúnem todo final de semana no salão comunitário da aldeia para fazerem principalmente as práticas culturais de cantos e danças tradicionais, é claro, devidamente acompanhados pelos anciões, que são os conhecedores dessa prática.

Segundo a entrevista realizada com o senhor Manoel Kanūxi em (11/08/2015), ancião do povo, antigamente, a cada ano o povo se reunia duas vezes por ano para fazer a festa do batizado tradicional do menino manoki. No primeiro momento a comunidade se reunia para planejar o tipo de trabalho que iria desenvolver enquanto os meninos estivessem confinados na casa sagrada. Geralmente escolhiam fazer derrubadas de roças tradicionais que aconteciam nos meses de março e abril. Nesse período um grupo de meninos se colocavam a disposição para serem batizados, enquanto outros somente seriam batizados quando acontecia a queima e o plantio da roça nos meses de setembro e outubro. E para a realização deste trabalho cultural, as mulheres ficavam encarregadas de fazerem o preparativo dos alimentos para os homens e meninos que estavam trabalhando na roça. Esse mesmo trabalho cultural que alguns anos

atrás durava cerca de três meses, atualmente dura apenas uma semana. Acredito que isso acontece devido a uma transformação social, cultural e à constante influência da cultura não indígena o que contribuiu com a diminuição do tempo para a realização desta prática cultural.

Para a realização desta festa tradicional são preparadas apenas as comidas tradicionais como: peixe com beiju, carne dos animais: porco do mato (*mojamã*), anta (*opyri*), macaco (*patãka*), paca (*ahi*), ema (*api*), farinha de mandioca, chicha de caldo da mandioca mansa e milho e se caso a festa acontecer no mês de outubro é preparada a chicha de bacaba do mato por ser o período desta fruta. De acordo com o planejamento comunitário do povo esta festa tradicional acontece em uma só aldeia, onde todas as pessoas das sete aldeias se concentrarão para acompanhar este trabalho cultural.

A seguir uma fotografia que mostra o momento em que os meninos já estavam prestes a conhecer o ritual secreto, logo depois de terem recebido os ensinamentos dos pais e dos anciões da aldeia.

Figura 6 – Meninos prestes a conhecer o ritual secreto: últimas orientações dos anciões



Fonte: Joao Paulo Kajoli, 2012

Os meninos passam então por duas fases: na primeira delas, eles recebem os ensinamentos dos seus pais e dos anciões. Depois, eles passarão pelo ritual sagrado no qual terão o complemento dos ensinamentos que tiveram anteriormente, ainda na aldeia. Agora, com o ritual secreto eles terão contato com outro tipo de ensinamento, mais aprofundado. E esse ritual secreto é considerado sagrado para o povo *Manoki* proprietário de uma diversidade de culturas tradicionais milenares destaca-se a educação tradicional do menino que se inicia a partir dos 11 (onze) anos de idade. Nesta fase da vida é quando acontece a transformação do menino tornando-o adulto e ele ficará confinado num determinado lugar para realizar os trabalhos sagrados e culturais. Ele fica na companhia apenas de seu pai e dos homens que serão os responsáveis por toda a sua estadia. Em geral, são muitos meninos que ficam confinados.

Abaixo uma imagem dos meninos que estão no momento de preparação para o batismo. Este momento acontece antes deles permanecerem em reclusão na casa sagrada. A partir deste ritual realizado pelos mais velhos, os meninos irão permanecer por duas semanas em regime de reclusão na casa sagrada.

Figura 7 – Momento em que os meninos estão prestes a conhecer o ritual secreto



Fonte: João Paulo Kajoli, 2012

Também nesta imagem, os meninos estão com os colares e outros artesanatos, uma

madeira pintada com a pintura corporal do povo para cada menino, os quais ficarão com esta madeira até o término do ritual. Esta madeira significa um ato de compromisso, respeito, responsabilidade e companheirismo com os espíritos sagrados. Aparecem de cabeça baixa escondendo o rosto porque é assim que tem que ser no ritual que antecede o período que eles ficarão em reclusão.

Este é um ritual que não pode ser completamente divulgado por meio de imagem ou gravações, visto que é uma parte considerada totalmente sagrada da cultura do povo *Manoki*. O mesmo rito é praticado desde os ancestrais, por isso uma parte é mantida em sigilo. Nesta fase, todos os meninos que passarem por este batizado têm o dever de perfurarem o nariz e a orelha para daí utilizarem os artesanatos. No nariz é usado um artesanato chamado de *xirety* construída com uma pequena madeirinha e junto colado penas de papagaios, araras para enfeitar o trabalho. Tanto a orelha quanto o nariz são perfurados com um tipo de madeira chamada de siriva, tal madeira se encontra nas beiras de rios e brejos. Na orelha é utilizado outro artesanato, um anel de coco do mato. Na comunidade há uma pessoa especializada culturalmente para fazer a perfuração do nariz e orelha dos meninos, pois isso exige muito cuidado. Além do mais esta pessoa tem suas próprias habilidades para fazer este trabalho porque a perfuração tanto do nariz quanto da orelha não pode causar nenhum tipo de inflamação e outros riscos que prejudiquem a saúde dos meninos.

Para realizar este batismo, antes dos meninos passarem pelo ritual, a comunidade escolhe qualquer tipo de trabalho cultural para desenvolverem, como derrubada de roça, queimada da roça, plantio, colheitas dos alimentos para que os meninos possam acompanhar toda essa transição cultural. Antes dos meninos se deslocarem para este lugar sagrado, os mesmos recebem todas as instruções necessárias de um membro conhecedor deste processo cultural do povo. As regras mais citadas por este membro são: os meios de comportamento durante o trabalho com os *Yeta* (espíritos sagrados), respeito aos mais velhos, concentração no trabalho, respeito aos pais, as técnicas de trabalhos culturais, aprender a fazer roça e manter em sigilo (o que viram neste trabalho) pelo fato dos homens trabalharem com os espíritos sagrados, os quais as mulheres não podem ver.

Durante esta fase de preparação dos meninos, eles jamais poderão brincar ou ficar no meio das meninas e até mesmo daqueles meninos que ainda não foram batizados na cultura do povo. Pois, a partir do momento em que os pais decidirem que os seus filhos estão na fase de enfrentar a rígida instrução do povo, os mesmos indicam os filhos para a comunidade e logo após, serão encaminhados para um lugar isolado da aldeia, levando consigo apenas seus pertences pessoais. Despedem-se de suas irmãs e mães, pois neste período de tempo não

poderão vê-las, uma vez que as mulheres não podem fazer parte desta forma de educação tradicional, pois todo o trabalho que será realizado com os meninos tem a intervenção dos espíritos sagrados do povo. Neste lugar, há uma casa tradicional que abrigará esses meninos durante um mês ou até quando seus pais permitirem. Ficando com as mulheres, então, a responsabilidade de prepararem toda a alimentação dos homens e cuidar das crianças menores. Enfim, durante este tempo os meninos aprendem a trabalhar de uma forma em geral e a se comportarem como verdadeiros guerreiros.

Depois de completar um mês ou mais neste ritual, antes de saírem da casa sagrada, o povo *Manoki* prepara uma grande festa para receber esses meninos. E ao saírem, eles vão para o pátio da aldeia onde são recebidos pelos seus familiares que com muita emoção e saudades abraçam os seus filhos que acabaram de chegar de uma luta da vida do povo. Na festa de chegada dos meninos os alimentos mais preferidos são: peixe assado, carne assado, beiju, chicha de milho e mandioca, entre outros.

Após irem para suas casas, os meninos são proibidos de brincarem e tocarem nas meninas por um determinado tempo, pois isso pode ser prejudicial.

Depois dessa fase da vida, quando os meninos já adquiriram um amplo conhecimento e responsabilidade, já estão preparados para assumirem e construir a sua própria família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a produção e um registro científico deste material pode-se dizer que mesmo com a transformação cultural e social do povo *Manoki* esta prática cultural milenar destacada neste trabalho jamais deverá ser esquecida, abandonada ou considerada “morta” na vida do povo, pois o ritual fortalece a cultura do povo, fortalece a sua vida. As mulheres podem ser incluídas no processo de participação do ritual, ainda que não de uma forma direta, mas em partes no que cabe a elas contribuir com esta prática cultural para que aconteça anualmente. A contribuição das mulheres é sempre no sentido de acompanhar e fazer os preparativos dos artesanatos, pinturas corporais, preparo das alimentações e a continuidade no incentivo aos seus filhos de não se esquecerem dos ensinamentos adquiridos durante o batizado tradicional.

A perspectiva é de que após a finalização da monografia ela possa proporcionar uma leitura reflexiva e assim, contribuir com o povo *Manoki* para que incentivem seus filhos para a continuidade e a preservação da prática cultural do batizado sagrado. Apesar das influências externas aos costumes da etnia, como a televisão, o telefone celular, e alguns hábitos dos não indígenas, ainda existem muitos jovens que se interessam para também passar por este único e importante processo de suas vidas, pois é ali que praticamente se inicia uma vida fortificada e como base de caminharem com as suas próprias iniciativas de conhecerem as suas razões e verdades, direitos e deveres. Ou seja, ao olharem para os jovens que já passaram pelo ritual sagrado, eles o tomam como exemplo e isso desperta uma certa curiosidade e vontade de vivenciar a prática do ritual também.

Apesar das influências externas aos costumes da etnia, como a televisão, o telefone celular, e alguns hábitos dos não indígenas, ainda existem muitos jovens que se interessam para também passar por este único e importante processo de suas vidas, pois é ali que praticamente se inicia uma vida fortificada e como base de caminharem com as suas próprias iniciativas de conhecerem as suas razões e verdades, direitos e deveres. Ou seja, ao olharem para os jovens que já passaram pelo ritual sagrado, eles o tomam como exemplo e isso desperta uma certa curiosidade e vontade de vivenciar a prática do ritual também. Daí a importância de retomar a realização do ritual do batizado sagrado do menino manoki.

Com a produção da monografia, espera-se que seja mais um instrumento para o fortalecimento da cultura manoki. Enfim, contribuirá com o conhecimento cultural do próprio povo e com a divulgação da nossa cultura para fora da aldeia e, assim, possibilitará o fortalecimento e a autoafirmação do povo em decorrência do contato com a sociedade

REFERÊNCIAS

A amazônia, os índios e eu: notícias & outras correspondências. Disponível em: <<http://malinche.wordpress.com/2006/08/21/o-povo-irantxe-manoki>> Acesso em: 01 fev. 2016

LOPES, André. **Nem Irantxe, nem Myky, nem Manoki.** Uma reflexão para compor o debate acerca do nome de um povo. São Paulo: 2013.

Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<http://http://pib.socioambiental.org/pt/povo/iranxe-manoki>> Acesso em: 01 fev. 2016

SILVA, José de Moura e. Missão Prelazia de Diamantino (22.3.1929 a 16.10.1979). Primeira parte – Prelazia de Diamantino. Cuiabá, 1998.

SILVEIRA, Ema Maria; BRÜSKE, Joemir Alfredo (orgs.), **Histórias Mitológicas do povo Manoki.** Cidade: Editora, 2011.

CONSULTORES NATIVOS

Celso Kanuxi 65 anos de idade/ancião

Alonso Irawali 80 anos de idade/ancião

Manoel Kanxi 60 anos de idade/ancião

JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Maílson Janãxi 15 anos de idade/aluno

Jackson 18 anos de idade/aluno